

## APRESENTAÇÃO

*Cerrados* n° 3 mantém o mesmo nome, mas é agora uma outra revista. Espelha mudanças que ocorrem no Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília, como a eleição e nomeação da nova chefia, em janeiro de 1994. Tem-se um novo Conselho Editorial, um outro perfil de preocupações. A reformulação das relações de produção intelectual deve propiciar o afloramento de forças há muito reprimidas e contidas. Hoje ainda não se sabe até onde irá esse caminho que ora se retoma e que busca o resgate dos melhores esforços já encetados nesse setor. Busca-se inverter uma lei perversa do mundo acadêmico, em que a mediocridade atrai a mediocridade na razão direta das massas e sem razão inversa de qualquer distância: pretende-se, nesse espaço, que o talento atraia o talento na razão direta de sua massa, mas também sem nenhuma razão inversa de distâncias.

Nesse número, ao invés de muitos pequenos artigos sobre temas diversos, há uma concentração de ensaios em torno de um tópico central: a desconstrução do idealismo. Nietzsche é homenageado como o filósofo que mais ousou questionar a estrutura e o sistema do pensamento ocidental. Sem ele não haveria Heidegger nem Derrida, não se poderia reler Platão nem a Bíblia como hoje se pode fazer; com ele, Marx e Freud podem parecer ingênuos, mas o diálogo entre todos eles não se exclui nem conclui com assertivas ligeiras, como a de que ele simplesmente não teria entendido a função da técnica. Isso não significa, no entanto, que, se o marxismo é questionado por não ter problematizado suficientemente os seus pressupostos teológicos e platônicos, as contribuições da hermenêutica dialética não se revertam numa reanálise do próprio discurso filosófico. O diálogo entre tais pensadores aponta a necessidade de se transcender, com a sua ajuda, o horizonte por eles alcançado.

O dossiê teórico inicia com "A identidade platônica e a diferença nietzscheana", de Ronaldo de Melo e Souza, que determina os passos da

construção platônica do idealismo, delineando o horizonte da reflexão crítica contemporânea instaurado pela desconstrução nietzscheana da tradição metafísica ocidental. Flávio R. Kothe, em "O mito da caverna", propõe, a partir de duas versões correntes, uma releitura desse mito fundante de toda a estrutura do pensamento, mostrando as possibilidades da hermenêutica da suspeita em articular um diálogo entre materialismo histórico e desconstrucionismo. Lígia Cademartori, em "O saber do narrador", expõe o descentramento do sujeito na narrativa do século XX, em contraste com o narrador do século XIX, que detinha uma certeza sem enganos sobre os eventos. Severino Francisco, em "A loucura da diferença", questiona a pretensão hegemônica da razão ocidental, recuperando o valor poético da loucura na arte contemporânea. José Nunes de Oliveira, em "A desconstrução da mentira romântica", problematiza o mito romântico da espontaneidade do desejo, evidenciando que o seu drama se processa na rivalidade dos sujeitos desejantes e não, simplesmente, em uma relação imediata entre sujeito e objeto. Henryk Siewierski, em "Interpretação e Teoria", propõe que o desconstrucionismo não tem a radicalidade crítica de um Derrida, que, por sua vez, permanece no âmbito da desconstrução nietzscheana. João Ferreira, em "Nietzsche e o pré-modernismo português", mostra a importância do filósofo alemão para a transmutação dos valores literários de Portugal.

O dossiê teórico se complementa com um precioso ensaio de Roman Ingarden, traduzido diretamente do original e não acessível em geral, contendo uma reflexão atualíssima sobre o tempo concebido como o grande desconstrutor. Em seguida, *Cerrados* abre espaço para a própria literatura, abrigando poetas e contistas que vivem em Brasília e têm nos seus textos a sua melhor apresentação. Contrários à inflação verbal, pausam-se pelo rigor da poeticidade e pelo vigor da condensação. Alguns poemas clássicos são apresentados no original e na tradução, sinalizando, com esse gesto, a dívida, a ser sempre resgatada, do presente em relação aos grandes escritores do passado.

Assim como o processo de metamorfose do Departamento ainda está em curso, também esse número 3 da Revista não desenvolve todas as mudanças que nela se pretendem introduzir, como a apresentação de resenhas, entrevistas e tópicos específicos da cultura contemporânea e da literatura brasileira. O presente número é de transição, tendo, desde logo, na crítica à tradição metafísica a sua espinha dorsal, um debate teórico que envolve questões práticas, ainda que não expressas, pois toda filosofia, embora sempre "idealista" ao tratar de idéias, tem conseqüências concretas para a avaliação e a ação. A abordagem de um tema tão central —

fora da Europa e fora da nação hoje dominante do planeta permite questionar os fundamentos da cultura européia, sem fazer da crítica um mero trampolim para a reconstituição do sistema, sob a aparência de tê-lo ultrapassado, ou seja, um recentramento sob a aparência de descentramento. Ao invés de ser apenas cópia subdesenvolvida e tardia de debates nos centros filosóficos, ela pretende a autonomia de quem não se submete a modelos menores. Embora a proposta pareça e seja pretensiosa e radical, ela nunca consegue alcançar tudo o que pretende nem consegue ir suficientemente a fundo no questionamento das raízes do sentido instituído e institucionalizado. Por isso, obriga a um eterno retorno a si própria, sem mesmice, sem repouso, sem sonhos de eternidade.

A teoria literária e a semiótica da cultura ainda não se desenvolveram propriamente no Brasil. As tentativas havidas foram rapidamente sufocadas. Para isso contribuíram fatores diversos: a falta de tradição filosófica nos grupos étnicos dominantes; o dogmatismo da Igreja Católica, a dominar o sistema de ensino; a repressão instituída pelas ditaduras reiteradas; a subserviência do pensamento colonial; o heliotropismo franco-cêntrico da elite oligárquica; a carência de coragem dos intelectuais orgânicos; a natureza dependente e periférica da cultura dita nacional; a falta de ousadia em repensar os modelos instituídos; a suposição de que um caminho e um modo de vida sejam o único caminho e a única maneira de viver; o oportunismo instituído nas cátedras; a preferência pelo *ut des* ao invés do *imério* da ética acadêmica, etc.

A crítica literária como que acabou no Brasil. Foi substituída pela resenha publicitária. Não há mais críticos ativos, há apenas redatores de propaganda. Os grandes críticos retiraram-se da grande imprensa. Um a um. Se algum sobrou, é apenas a exceção que confirma a regra. Tocar nesse nervo exposto é tornar-se polêmico, é expor-se a problemas. Faz-se de conta que é normal tudo como está aí, que, como está, por estar, é normal. Essa "normalidade" tornou-se normativa. Ela pune quem desvende o mistério da nudez do rei. Há um avesso na manipulação que, em nome da crítica, se exerce sobre o público, cujos reais interesses não são levados em conta, sob a aparência de estarem sendo servidos do melhor modo possível. Há uma ditadura da mídia, que faz com que apenas uma editora tenha todo espaço na grande imprensa para os seus lançamentos, enquanto os livros de outras são silenciados ou aniquilados.

Com demasiada frequência encontra-se o que Adorno chamou de "meia-cultura", a banalidade pretensiosa, que engana a quem não conhece bem um assunto. Hoje, de fora para dentro, determina-se no país os fenômenos culturais que nele se devem prezar ou menosprezar; quem con-

vém ao sistema é auratizado, enquanto se continua banindo quem coloca perguntas incômodas; põem-se em evidência nomes que pouco têm a dizer sobre o que realmente importa, mas se impede a fala pública a quem tem maior densidade crítica; informações simplificadas são apresentadas como um "estar por dentro"; reacionários aparecem como vanguarda, enquanto se silencia quem tem realmente algo a dizer. Se parece haver novamente uma crítica cinematográfica, é porque o cinema já não tem maior importância. Liberdade de crítica televisiva, porém, isso não há. Quanto maiores os interesses em jogo, maior o controle. Sob a aparência de liberdade, tem-se uma interiorização do controle. Se a mídia não está disposta a se questionar, a própria repressão institucionalizada sob a forma de comunicação de massas provoca o aparecimento de reações, como se houvesse uma guerrilha cultural, em busca de espaços alternativos, embora modestos, onde passam a sobreviver espécimens diferenciados de gosto e pensamento.

Sobre qualquer livro, sempre se pode dizer algo de bom, ou algo de ruim, assim como em qualquer tradução se pode encontrar algum bom achado ou apontar alguma falha, discordar de uma solução, propor alternativas diferentes. Sobre qualquer livro, sempre se pode encontrar alguém que fale bem dele, como se pode encontrar alguém que o critique com o prazer de um canibal a devorar uma criancinha. A questão não está, portanto, naquilo que é dito, bom ou ruim, a respeito de um livro, mas na decisão que faz com que sobre um determinado livro apareça — ou deixe de aparecer — uma opinião positiva ou negativa. Se a grande imprensa não estiver disposta a questionar o horizonte limitado que ela impõe a seu público a pretexto de adequar-se a ele, há de pipocar inevitavelmente a guerrilha cultural dos espaços alternativos, que, por sua vez, poderão ser recanalizados à população por mediadores culturais esclarecidos.

Não se trata apenas de lamentar que o crítico literário tenha sido substituído pelas penumbras dos interesses dominantes num jornal, que decidem o que vai ser resenhado e qual a resenha que será publicada; ou lamentar que quase não há mais a simbiose antiga, em que a um crítico autônomo se reservava um espaço no jornal, para que ele expusesse o seu julgamento a respeito dos livros que lhe pareciam dignos de atenção. Obviamente, também neste caso ocorriam parcialidades, favorecimentos de amigos e apadrinhados, injustiças com livros que não eram comentados, embora o merecessem, bem como críticas acerbas contra textos que iam além dos pressupostos, muitas vezes errados, do próprio crítico. Não se trata também de apenas lamentar a substituição dos suplementos literários

pelos folhetins de televisão. O que se lamenta é a falta de espaço para o debate de idéias e a divulgação de bons textos literários atuais e pretéritos.

Ao invés de se ficar apenas na lamentação, trata-se de entrar em ação, fazendo o que aqui e agora se pode fazer, fazendo inclusive mais do que parece possível e viável. Por isso mesmo, esse primeiro número da virada de *Cerrados* concentra-se no que é mais difícil: repensar os próprios fundamentos do pensamento. E abre espaço, ao mesmo tempo, para a produção poética feita no cerrado, como se fosse a coisa mais natural conjugar aqui, na capital da república, o questionamento do cerne da tradição cultural européia e a elaboração literária da vivência local. Esse gesto é ousado, como que a rasgar no vazio um cruzamento de duas infinitudes, mas ainda está longe de esgotar de uma vez toda a sua ousadia: apenas acena o desafio que a si mesmo impôs, como se não lhe restasse outra coisa senão a luta mais destemida para não ver-se reduzido a zumbi de si mesmo. Acena-se e encena-se assim o poderio do gesto de conjugar atualidade e tradição cultural, teoria e prática literária, metafísica e anti-metafísica, questionando ao mesmo tempo os fundamentos de cada ala, como se o pensamento fosse um colibri e pudesse pairar no ar sem asas, fazendo de folhas abertas um duplo vórtice a se debater num vazio aparente, mas que se sabe bem capaz de alimentar vôos ainda mais ousados.

Flávio R. Kothe